



**DIVERSIDADE MUSEAL:  
REPRESENTAÇÃO DE  
GRUPOS INDÍGENAS NOS  
MUSEUS BRASILEIROS**



# APRESENTAÇÃO

A ESCOLHA PELO TEMA DEU-SE A PARTIR DO INTERESSE E APOIO ÀS LUTAS PROTAGONIZADAS POR GRUPOS INDÍGENAS EM BUSCA DE RECONHECIMENTO E AUTONOMIA PARA TRANSMITIR SUAS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS. CONFIA-SE, TAMBÉM, NO POTENCIAL DO MUSEU COMO PROVEDOR DE MUDANÇAS POLÍTICAS E CULTURAIS EM NOSSA SOCIEDADE.

# INTRODUÇÃO

AS DESIGUALDADES SOCIAIS, ENRAIZADAS NA SOCIEDADE BRASILEIRA, IMPULSIONAM GRUPOS HISTORICAMENTE SILENCIADOS E EXCLUÍDOS A PROMOVEREM MUDANÇAS POLÍTICAS E SOCIAIS NAS ESTRUTURAS DE NOSSO PAÍS, COM O INTUITO DE GARANTIR E AMPLIAR DIREITOS, ALÉM DE FORTALECER O PROCESSO DEMOCRÁTICO.

OS APARELHOS CULTURAIS, NESTE CASO ESPECIFICAMENTE OS MUSEUS, TRABALHAM, POR VEZES, COM UMA IDENTIDADE NACIONAL FORMADA A PARTIR DE UM VIÉS COLONIALISTA/EUROCENTRISTA. QUANDO TRATAM DE TEMÁTICAS INDÍGENAS, POR EXEMPLO, TAIS PRECEITOS COMPROMETEM AS NARRATIVAS E A HISTORICIDADE DESSES GRUPOS.

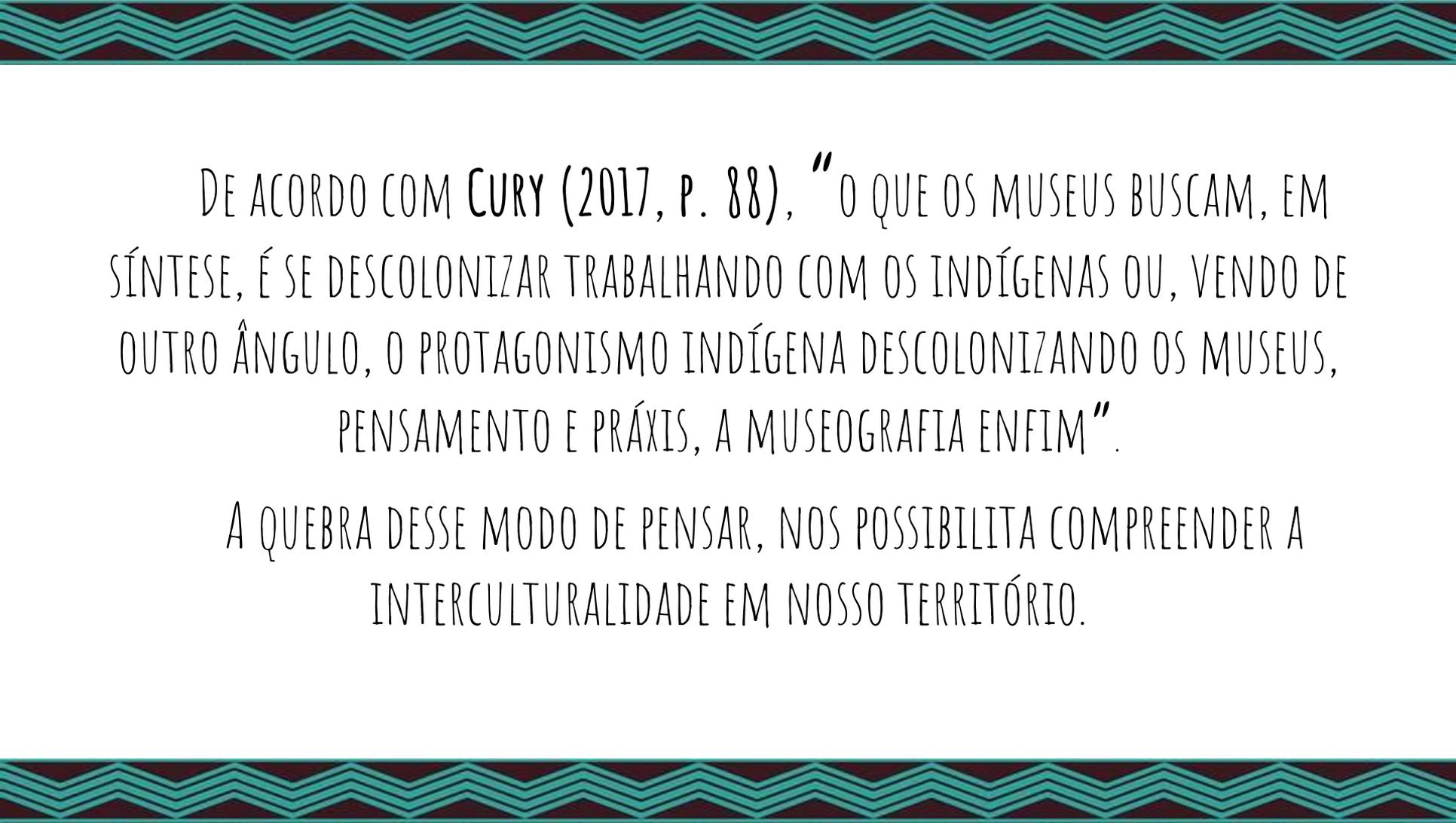
# Como Agir para Mudar o Cenário?

OS MUSEUS DEVEM PENSAR EM FORMAS DE DESCOLONIZAR PENSAMENTOS E PRÁTICAS, A FIM DE OPERAR COMO IMPORTANTE PILAR PARA VIABILIZAR A MOBILIZAÇÃO E DAR VOZ A ESSAS COMUNIDADES ANTES DESVALORIZADAS. DESSE MODO, A QUESTÃO TRAZ À TONA A NECESSIDADE DESTES APARELHOS CULTURAIS SE ADAPTAREM AO CONTEXTO PÓS-COLONIAL E DE MUNDO GLOBALIZADO, PARA ATUAREM COMO PROTETORES E MULTIPLICADORES DE TAMANHA PLURALIDADE SÓCIO-CULTURAL.

OUVIR, APRENDER COM O OUTRO E DAR VISIBILIDADE PARECE UM ÓTIMO CAMINHO, NÃO?

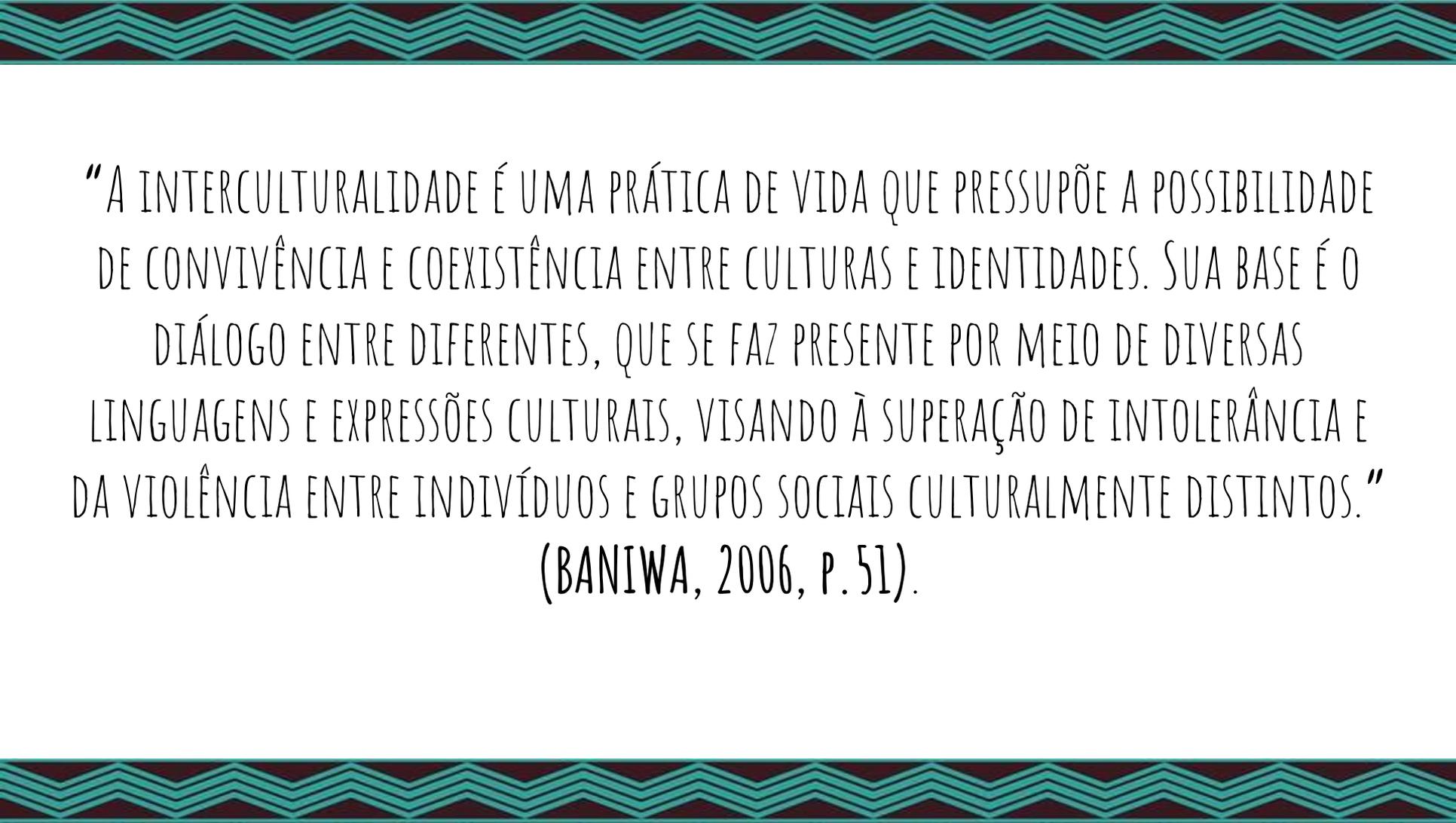
# REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

“[...] CONVERTIDA NA PRINCIPAL ARMA DOS FRACOS, A CULTURA PASSA A SER CADA VEZ MAIS MOBILIZADA PELOS POVOS INDÍGENAS COMO ARGUMENTO POLÍTICO PARA A REIVINDICAÇÃO, NO CAMPO DAS POLÍTICAS PATRIMONIAIS, DOS DIREITOS DE PROPRIEDADE INTELECTUAL PARA OS SEUS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS, O QUE, POR CONSEQUINTE, TEM CONTRIBUÍDO PARA UMA CRESCENTE CONSCIÊNCIA DO DIREITO A TER DIREITOS.” (OLIVEIRA, 2015, P. 63).



DE ACORDO COM CURY (2017, P. 88), “O QUE OS MUSEUS BUSCAM, EM SÍNTESE, É SE DESCOLONIZAR TRABALHANDO COM OS INDÍGENAS OU, VENDO DE OUTRO ÂNGULO, O PROTAGONISMO INDÍGENA DESCOLONIZANDO OS MUSEUS, PENSAMENTO E PRÁXIS, A MUSEOGRAFIA ENFIM”.

A QUEBRA DESSE MODO DE PENSAR, NOS POSSIBILITA COMPREENDER A INTERCULTURALIDADE EM NOSSO TERRITÓRIO.



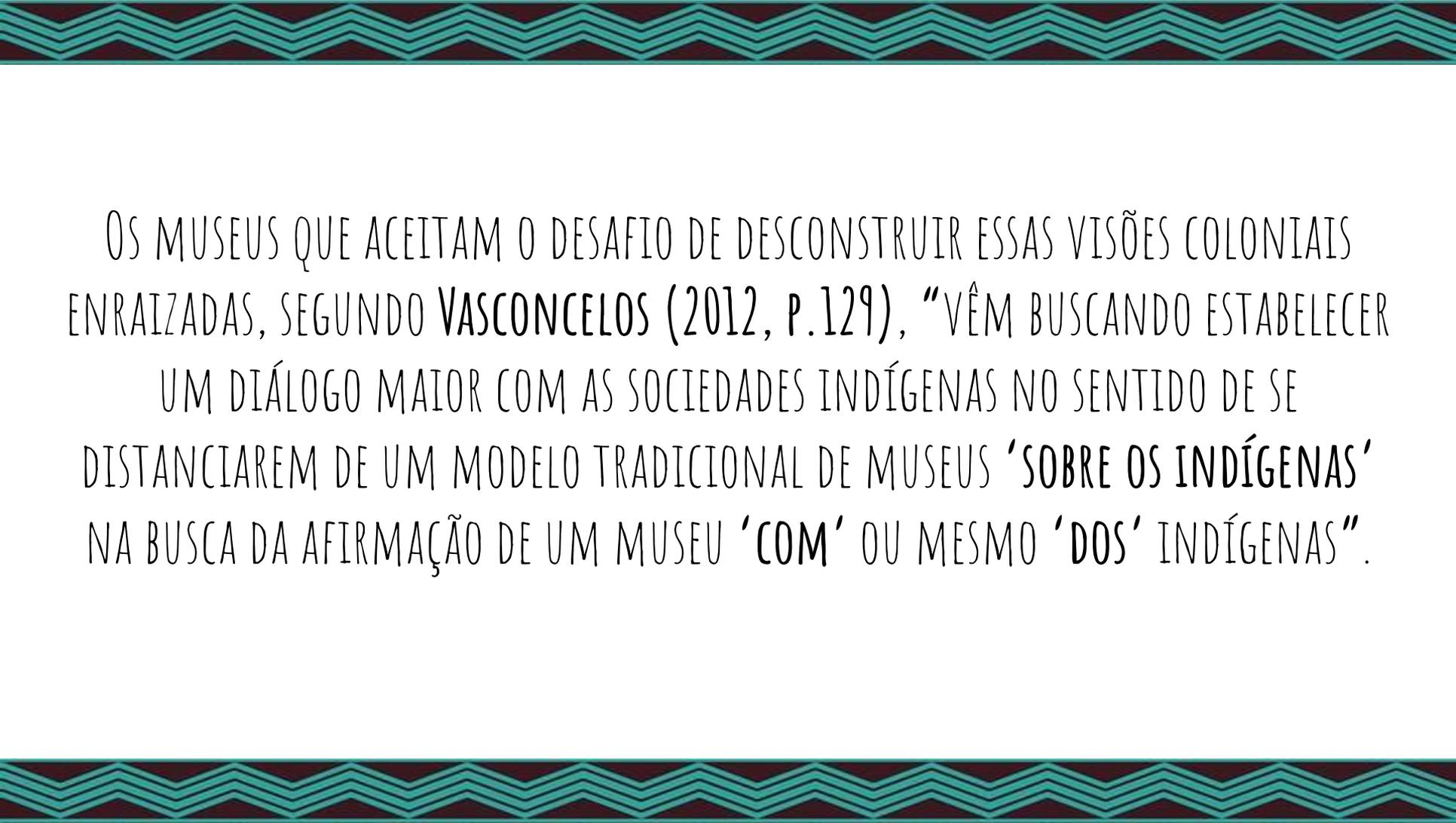
“A INTERCULTURALIDADE É UMA PRÁTICA DE VIDA QUE PRESSUPÕE A POSSIBILIDADE DE CONVIVÊNCIA E COEXISTÊNCIA ENTRE CULTURAS E IDENTIDADES. SUA BASE É O DIÁLOGO ENTRE DIFERENTES, QUE SE FAZ PRESENTE POR MEIO DE DIVERSAS LINGUAGENS E EXPRESSÕES CULTURAIS, VISANDO À SUPERACÃO DE INTOLERÂNCIA E DA VIOLÊNCIA ENTRE INDIVÍDUOS E GRUPOS SOCIAIS CULTURALMENTE DISTINTOS.”  
(BANIWA, 2006, P. 51).



# **O DIÁLOGO É A CHAVE**

O DIÁLOGO CONSTANTE, A PESQUISA E A PRÁTICA SÃO IMPRESCINDÍVEIS PARA POSSIBILITAR, DE FATO, UMA DIVERSIDADE MUSEAL.





OS MUSEUS QUE ACEITAM O DESAFIO DE DESCONSTRUIR ESSAS VISÕES COLONIAIS ENRAIZADAS, SEGUNDO VASCONCELOS (2012, P.129), “VÊM BUSCANDO ESTABELECEER UM DIÁLOGO MAIOR COM AS SOCIEDADES INDÍGENAS NO SENTIDO DE SE DISTANCIAREM DE UM MODELO TRADICIONAL DE MUSEUS ‘SOBRE OS INDÍGENAS’ NA BUSCA DA AFIRMAÇÃO DE UM MUSEU ‘COM’ OU MESMO ‘DOS’ INDÍGENAS”.



SÃO DIVERSOS OS MUSEUS QUE TRABALHAM COM ESSE INTUITO, DESTACAM-SE, AQUI:  
O MUSEUS DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA – MAE, MANTIDO PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO; O MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI VINCULADO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES DO BRASIL E O MUSEU DO ÍNDIO, DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO.





SEGUNDO CURY (2017), O MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA (MAE) DA USP, MANTÉM, HÁ ALGUNS ANOS, AÇÕES COLABORATIVAS E CURADORIAS COMPARTILHADAS COM INDÍGENAS, COMANDADAS POR ANTROPÓLOGOS LOTADOS NA UNIVERSIDADE. ATUALMENTE O MUSEU CONTA COM A EXPOSIÇÃO "RESISTÊNCIA JÁ! FORTALECIMENTO E UNIÃO DAS CULTURAS INDÍGENAS - KAINGANG, GUARANI NHANDÉWA E TERENA". NESTA EXPOSIÇÃO, TODOS OS GRUPOS CITADOS PARTICIPARAM ATIVAMENTE DO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DA EXPOSIÇÃO, RESSIGNIFICANDO ARTEFATOS COM A FINALIDADE DE TRANSMITIR HISTÓRIAS E TRADIÇÕES.







VESTIMENTAS TRADICIONAIS DOS POVOS INDÍGENAS DE SÃO PAULO – FOTO: CECÍLIA BASTOS/USP IMAGENS

# REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

SEGUNDO FABÍOLA ANDRÉA SILVA, PESQUISADORA DO MAE-USP,

“INTENSIFICAM-SE AS PRÁTICAS CURATORIAIS COLABORATIVAS CUJA IMPORTÂNCIA NÃO SE LIMITA AO FATO DE POSSIBILITAREM A PARTICIPAÇÃO INDÍGENA E, CONSEQUENTEMENTE, MAIOR ENTENDIMENTO DOS OBJETOS E MELHOR REPRESENTAÇÃO DESSES NAS EXIBIÇÕES. DE MANEIRA REFLEXIVA ESSAS PRÁTICAS TAMBÉM PERMITEM PENSAR, EM OUTROS TERMOS, A NOSSA PRÓPRIA RELAÇÃO COM OS OBJETOS E O MUSEU. ALÉM DISSO, PERMITEM REVER A NOSSA “PRÁTICA TEÓRICA” ENQUANTO PESQUISADORES E PROFISSIONAIS DE MUSEU. OUTROS SIGNIFICADOS VÃO SENDO INCORPORADOS AOS OBJETOS NOS MUSEUS NA MEDIDA EM QUE NÃO SOMOS NÓS – OS PROFISSIONAIS DE MUSEU –, APENAS, QUE FAZEMOS A PESQUISA, ORGANIZAMOS E PENSAMOS SOBRE ELES.” (SILVA, 2016, P.75)

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

TENDO EM VISTA OS LEVANTAMENTOS BIBLIOGRÁFICOS E AS EXPERIÊNCIAS ABORDADAS, É POSSÍVEL CONCLUIR QUE OS MUSEUS PODEM ATUAR FORTEMENTE, DE FORMA COLABORATIVA, PARA DESCONSTRUIR PRÁTICAS COLONIAIS QUE SILENCIAM, EXLUEM E PREJUDICAM OS GRUPOS INDÍGENAS ORIGINÁRIOS DE NOSSO TERRITÓRIO. O DIÁLOGO, A TROCA DE CONHECIMENTOS, A PESQUISA E A PRÁTICA PODEM GERAR RESULTADOS PRECIOSOS NESTE SENTIDO, UMA VEZ QUE PROMOVEM A INTERCULTURALIDADE.

DIANTE DE TAMANHA PLURALIDADE, FAZ-SE NECESSÁRIO REPENSAR A NOSSA IDENTIDADE NACIONAL, AINDA CALCADA EM PRECEITOS COLONIALISTAS E EUROCENTRISTAS. OS POVOS HISTORICAMENTE EXCLUÍDOS, MUITAS VEZES DE SUA PRÓPRIA TRAJETÓRIA, BUSCAM, VIA MOVIMENTOS SOCIAIS ATIVOS, ESTABELECEER UMA PONTE SEGURA ENTRE ESTADO E SOCIEDADE, A FIM DE OBTER O RECONHECIMENTO E A AUTONOMIA SOBRE SUAS VIDAS, SEUS SABERES.



NO ÂMBITO DOS MUSEUS, AS VITÓRIAS CONTRA O ANTIGO MODELO, SURGEM COM A CURADORIA COLABORATIVA E A APROPRIAÇÃO, POR PARTE DOS GRUPOS INDÍGENAS, DAS INSTITUIÇÕES MUSEOLÓGICAS TRADICIONAIS E TAMBÉM PELA CRIAÇÃO DE MUSEUS INTEIRAMENTE INDÍGENAS. PARA ALÉM DAS MELHORIAS DIRIGIDAS AOS GRUPOS INDÍGENAS, OBSERVA-SE QUE A PARTICIPAÇÃO DOS MESMO NO PROCESSO MUSEAL IMPLICA EM UM MAIOR COMPREENDIMENTO DE ARTEFATOS QUE ANTES ERAM DESCRITOS APENAS COM UMA VISÃO ACADEMICISTA.

APESAR DOS AVANÇOS, NEM TODAS AS INSTITUIÇÕES SE ADEQUARAM ÀS NOVAS PRÁTICAS CURATORIAIS COLABORATIVAS. PARA ATINGIR TODO ESSE UNIVERSO, É DE SUMA IMPORTÂNCIA REFLETIR SOBRE O ATUAL CONTEXTO POLÍTICO E SOCIAL DO PAÍS, SOBRE AS PRÁTICAS TRADICIONAIS E ESTABELECEER O CONTINUADO ESFORÇO EM PROMOVER O DIÁLOGO ENTRE GRUPOS INDÍGENAS E MUSEUS, A FIM DE DESCOLONIZAR ESTAS RELAÇÕES E PRODUIZIR MATERIAIS E EXPOSIÇÕES COM DEVIDA VERACIDADE E QUALIDADE.



# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

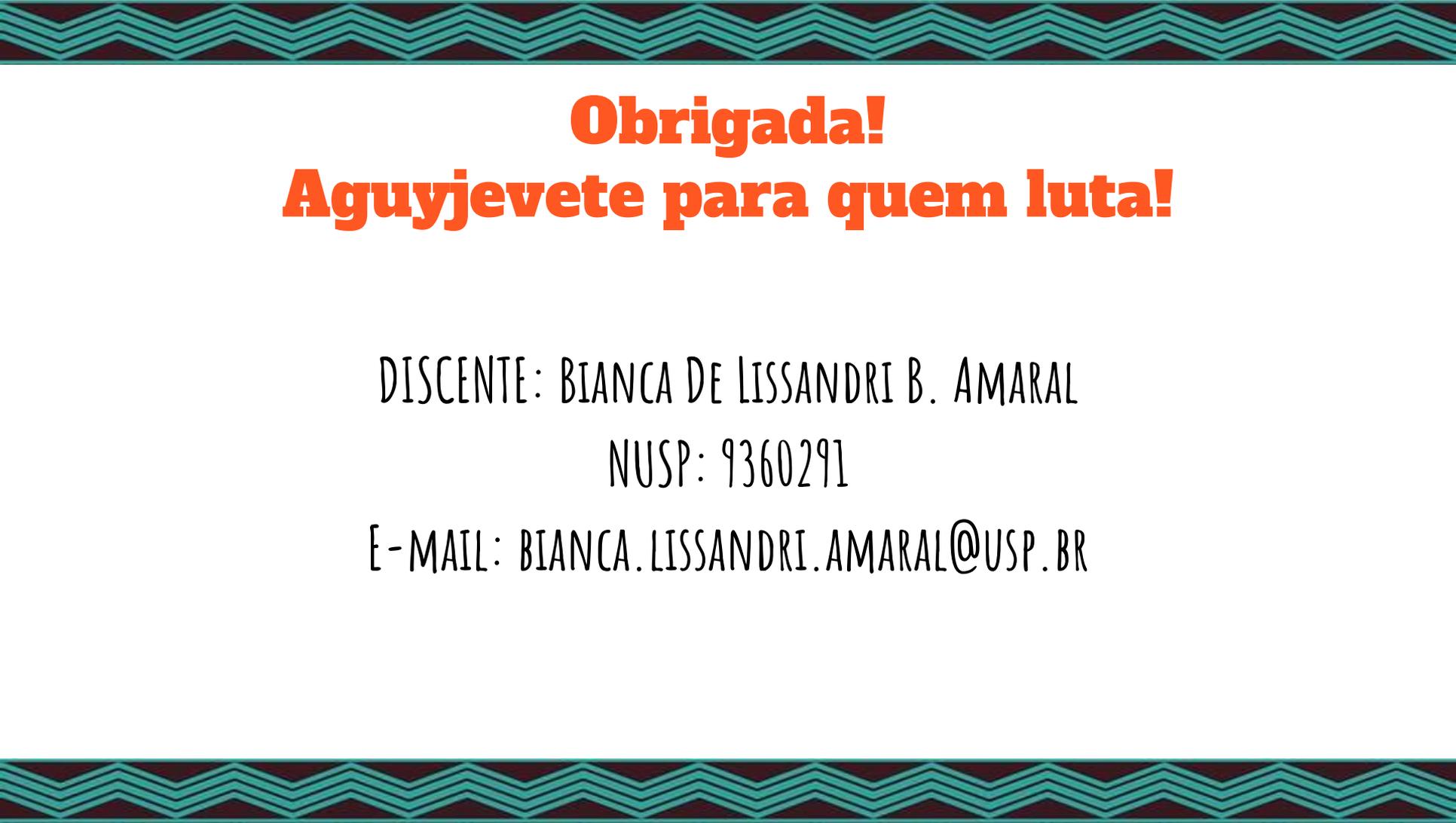
**BANIWA**, GERSEM DOS SANTOS LUCIANO. O ÍNDIO BRASILEIRO: O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE OS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL DE HOJE. BRASÍLIA: MEC/SECAD/MUSEU NACIONAL/UFRJ, 2006.

**CURY**, MARÍLIA XAVIER. CIRCUITOS MUSEAIS PARA A VISITAÇÃO CRÍTICA: DESCOLONIZAÇÃO E PROTAGONISMO INDÍGENA. REVISTA IBEROAMERICANA DE TURISMO, v. 7, DOSSIÊ NÚMERO 3, p. 87-113, DEZ. 2017.

**OLIVEIRA**, LUIZ ANTÔNIO DE. CULTURA, DIREITOS, POLÍTICAS A CONSTRUÇÃO DE UMA AGENDA PÚBLICA NO CAMPO DAS POLÍTICAS CULTURAIS PARA OS POVOS INDÍGENAS E A DIVERSIDADE ÉTNICA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA, OUT. 2015.

**VASCONCELLOS**, CAMILO DE MELLO. MUSEUS ANTROPOLÓGICOS E UNIVERSITÁRIOS: POR UM NOVO DIÁLOGO JUNTO AO PÚBLICO IN: QUESTÕES INDÍGENAS E MUSEUS: DEBATES E POSSIBILIDADES. SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, ACAM PORTINARI. MAE-SP. 1ª. ED., BRODOWSKI. COLEÇÃO MUSEU ABERTO, 2012.

**SILVA**, FABIÓLA ANDRÉA. LEVA PARA O MUSEU E GUARDA. UMA REFLEXÃO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE MUSEUS E POVOS INDÍGENAS. IN: QUESTÕES INDÍGENAS E MUSEUS: SABERES E ÉTICA, NOVOS PARADIGMAS EM DEBATE. SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, ACAM PORTINARI. MAE-SP. 2016.



**Obrigada!**  
**Aguyjevete para quem luta!**

DISCENTE: BIANCA DE LISSANDRI B. AMARAL

NUSP: 9360291

E-MAIL: BIANCA.LISSANDRI.AMARAL@USP.BR